

## A UNIVERSIDADE PÚBLICA, SONHOS, DESENCONTROS E POSSIBILIDADES: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS, DOMÉSTICAS E ESTUDANTES

Darkiane Silva dos Santos <sup>1</sup>

Claudia Araujo Silva <sup>2</sup>

Valdir Nunes dos Santos <sup>3</sup>

### RESUMO

Discutir sobre as dificuldades que impedem negros, negras e pobres de terem acesso ao conhecimento não é uma tarefa fácil, uma vez que muitos acreditam que as chaves para as conquistas, para o sucesso estão nas mãos de cada um. O que é um grande equívoco, o ponto de partida não é o mesmo entre um rico e um pobre e muito menos entre, brancos e negros. Portanto, este estudo preliminar, *a universidade pública, sonhos, desencontros e possibilidades*, realizado por duas estudantes negras do terceiro semestre do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia(UNEB), propõe compreender a partir de nossas próprias experiências - histórias de nossas vidas - o contexto em que residem as dificuldades e as lutas que cotidianamente nos impedem de adentrarmos à universidade, ou seja, de cursar o ensino superior. Tecer sobre as vivências relacionando-as a estudos já ensaiados acerca da desigualdade e da complexidade entrelaçadas em nossas relações. Com esses relatos, temos como principais objetivos: compreender as subjetividades e entrelaçamento das experiências de vidas de duas mulheres negras quando se trata de ingressar na universidade. Identificar o que as impedia dessa travessia para o ensino superior, comparar as experiências de um ponto econômico, político e cultural. Fomentar discussões e avaliações sobre as desigualdades e lutas para se cursar um ensino superior. O tipo de pesquisa utilizada foi a Pesquisa Social, na abordagem qualitativa Maria Cecília Minayo. A pesquisa bibliográfica que deu fundamentação a pesquisa foi feita em livros e artigos que versam sobre a temática, dentre algumas obras; Carlos Rodrigues Brandão (1980); Frantz Fanon (2008) Milton Santos (2000); A relevância do estudo se efetiva por ao investigar as dificuldades enfrentadas por mulheres negras e trabalhadoras ainda são os maiores impedimentos para que essas mulheres não alcancem o conhecimento.

**Palavras-chave:** Mulher negra e Doméstica; Desigualdade e impedimentos; Universidade; Conhecimento e ensino superior.

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, darkianesantos02@gmail.com;

<sup>2</sup>Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, claudia.araujo.catolicaa@gmail.com;

<sup>3</sup> Professor orientador: titulação, Universidade do Estado da Bahia - UF, valdirmsantos@gmail.com.

Este estudo preliminar, *a universidade pública, sonhos, desencontros e possibilidades*, realizado por duas estudantes negras do terceiro semestre do Curso de Pedagogia do Campus X da UNEB, propõe compreender a partir de nossas próprias experiências - histórias de nossas vidas - o contexto em que residem as dificuldades e as lutas que cotidianamente nos impedem de adentrarmos à universidade, ou seja, de cursar o ensino superior. Neste quesito, quando alguns conseguem alargar o funil e adentrar à universidade, logo, no portal de entrada se depara com fatores internos que dificultam a permanência - a quantidade mínima de políticas de apoios aos estudantes desses extratos sociais, negros e pobres.

Dessa forma, nós, Darkiane Silva dos Santos e Cláudia Araújo da Silva tecemos um pouco de nossas histórias relacionando-as a estudos já ensaiados acerca da desigualdade. As consequências da escravidão segundo Frantz Fanon, são as responsáveis pela continuidade dos impedimentos ao “negro de ser o outro” na sociedade (2008, p. 16).

Com este estudo, intentamos compreender as subjetividades e entrelaçamento que atuam em nossas experiências de vidas - duas mulheres negras, domésticas, que ousadamente atravessam as barreiras da universidade - e que se colocam nas lutas pela garantia de políticas de permanência que possam alterar as dificuldades que impedem mulheres negras de saírem do emprego doméstico e acessarem o conhecimento. Esta empreitada não tem sido tarefa fácil, vez que muitos acreditam que o conhecimento é um privilégio que os negros e pobres não têm direito de acessá-lo. A naturalização desta compreensão está instalada no imaginário das sociedades colonizadas, de que mulheres negras além de receberem os menores salários eles não podem, a partir do que está estruturado, ocuparem os bancos de universidades.

O tipo de pesquisa utilizada foi a Pesquisa Social, na abordagem qualitativa em Maria Cecília Minayo. Neste sentido, o método qualitativo atua como um caminho para o levantamento de dados - história de vida, análise de conteúdo - base que nos permitiu compreender as subjetividades de nossas histórias. O que também abarca os nossos interesses em fazer parte de uma parcela, até então privilegiada para nós, de estudantes universitários. A universidade, a universidade pública, em nosso caso, foi a que acreditávamos estar ao nosso alcance. Primeiro por ser pública e segundo porque tínhamos informações de que a universidade pública além de não cobrar mensalidades ainda se coloca mais próxima da realidade dos trabalhadores, o que contribuiu para transformar os nossos sonhos em realidade. Mesmo assim, há desencontros em meio às

possibilidades. Contradições que ainda carecem de questionamentos e respostas para fortalecer as lutas de mulheres, homens e famílias negras quando se decidem a romperem com os entraves para cursarem o ensino superior. Para (GAULEJAC) “[...] as histórias de vida são ferramentas de historicidade que permitem ao sujeito “trabalhar sua vida” ao contá-la, jogar com o tempo da vida” (1996, p.15).

A história, o tempo e o sujeito em sintonia para a compreensão das lutas e da vida.

Para a realização da pesquisa foram essenciais as abordagens de: Carlos Rodrigues Brandão (1980); Frantz Fanon (2008); Milton Santos (2000/1998). Esses estudos proporcionaram um entendimento maior e uma análise mais acurada dos elementos simbólicos inerentes ao entrelaçamento cultural.

Esperamos com este estudo, poder construir reflexões acerca dessa temática que é tão cara para mulheres pretas e pobres destinadas, social e historicamente, a ocuparem os serviços domésticos e as suas mazelas.

## **Mulheres negras a caminho da universidade: desafios e vulnerabilidades**

Estar no mundo nos impõe viver experiências as mais diferentes possíveis a partir do lugar que cada um se encontra ou se define como tal, ou seja, seguindo o movimento da cultura - trabalhadores, famílias negras e pobres - experiências que vão sendo construídas a cada dia, minuto a minuto e que não nos dão tempo para existirmos fora do universo das desigualdades e das vulnerabilidades, ou seja: “Sociedades distintas vão necessariamente originar culturas diferentes, ou seja, diferentes formas de ver o mundo e orientar a atividade social” (<https://www.infoescola.com/sociedade/cultura>)

E o resultado, seja satisfatório ou não, depende de uma série de elementos - biológico, cultural, histórico, político e econômico - a depender do tipo de sujeito que compõe a família e o lugar que esta família ocupa no conjunto das classes sociais.

Em se referindo às famílias negras, no Brasil, em sua maioria, tem como regra as dificuldades, vazios, que para serem amenizados exigem esforços grandiosos para garantir o trabalho como uma atividade cotidiana em suas vidas, em meio a todo tipo de discriminação e preconceitos.

Neste sentido, trabalhar, ajudar em casa e enfrentar todos os tipos de discriminações e preconceitos são ações inerentes às condições de mulheres negras e homens negros trabalhadores na sociedade brasileira, neste quadro, com maior intensidade para as mulheres pretas trabalhadoras domésticas. E a situação se agrava na medida que as empregadas domésticas por muitas décadas, não conseguiram formar as suas filhas para ocuparem outras profissões, sendo obrigadas a dar a luz e criarem as futuras empregadas domésticas, a realidade histórica, presente em nossas próprias famílias exemplifica esta situação, de pura e intensa subalternidade. Para Santos: “Creio que a história dos negros teria muito a lucrar se fosse reescrita a partir de uma visão que propusesse uma nova escrita com base na questão do modelo cívico”(1998, p. 155).

Neste contexto, classificamo-nos como mulheres negras e trabalhadoras, e, mesmo sendo consideradas como peças no jogo das relações de trabalho, sempre tivemos os nossos próprios sonhos..., sonhávamos em ter um trabalho que nos possibilitassem ganhar dinheiro para conquistarmos a independência financeira, pagarmos as contas, sairmos de casa e custear os nossos estudos.

Com essa realidade, eu, Darkiane Silva dos Santos, não fiz parte da política que sustenta o projeto do jovem aprendiz, pois a minha mãe sempre dizia que se eu estudasse, não aprenderia direito na escola. [...] Se bem que a gente fica pensando: "O que é que a escola ensina, meu Deus?". Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é [...] (BRANDÃO, 1980, p. 10).

Diante da minha condição, eu não me permitia pensar entrar na universidade, fazer um curso superior, ao meu ver, era pertencimento demais para uma simples empregada doméstica, filha de mãe doméstica e pai pedreiro. Apesar de sempre querer muitas coisas ao mesmo tempo, tentava entender os meus limites. A indecisão e um pouco de ousadia me levava em alguns momentos a vagar pelas remotas possibilidades, um dia pensava em ser enfermeira ou até mesmo médica, no outro dia me via policial e, quando a indecisão tomava conta, eu sonhava em ser famosa. A indecisão tem as suas vantagens, do mesmo jeito que me fazia voar, na mesma hora, me fazia colocar os meus pés no chão e como num relâmpago, desistia dos sonhos, desejos e vontades. Não era uma desistência, não era, era talvez um minuto de lucidez ao perceber que a minha realidade, insistia em me dizer que, não condizia com os meus sonhos.

Mesmo assim, nesse ir e vir das minhas indecisões, eu sabia que poderia realizar pelo menos um dos meus tantos sonhos, o de trabalhar, trabalhar para poder ganhar algum dinheiro.

A universidade, ah, parecia cada vez mais distante, não impossível, mas que me exigiria muitos esforços para torná-la realidade, tornar-me uma estudante universitária.

Pensar sobre a possibilidade de estudar na universidade parecia sonhar um sonho alheio, que não era para mim. Ao mesmo tempo que o medo de não conseguir um trabalho e ter de permanecer trabalhando, trabalhando sem perspectivas que pudessem ajudar-me a transformar o que parecia o único caminho a seguir, o trabalho doméstico, o emprego subalterno. Queria ser alguém com uma certa autonomia financeira, cultural, apesar dos meus medos, das minhas incertezas. Não tenho predisposição para a mesmice, rotinas vigiadas que me obrigassem ao trabalho obediente. Mesmo assim, com todos esses questionamentos, medos, incertezas e sonhos, a universidade permanecia como o meu maior conflito, mesmo quando eu decidia que estudar não fazia parte de minha realidade. Não tinha condições de entrar na universidade, nem na pública, pela dificuldade alardeada, vestibular, permanência e tantas outras coisas e, muito menos na faculdade privada, esta me impedia de entrar pelo bolso, pagar uma mensalidade era algo fora do meu alcance. Sim, como eu não trabalhava, eu não poderia pagar, e para ingressar na universidade pública, além do que já citei, ainda teria que trabalhar durante o dia e estudar à noite. O que soava como algo impossível, um luxo por assim dizer! Somado a todas as questões que implicariam o fato de estudar no turno noturno - condições financeiras, violência das ruas, limites e falta de tempo para cumprir as demandas da universidade. Acrescidas de situações cotidianas, como transporte e horários de entrada e saída da universidade, por exemplo. Lembrando Fanon: “[...] Há dois séculos eu estava perdido para a humanidade, eternamente escravo. Depois alguns homens vieram a declarar que tudo aquilo já tinha durado demais” ( 2008, p. 111).

Em meio a todas essas questões insistentemente levantadas por mim, sobre o meu lugar e as minhas condições, familiares, de trabalho, de mulher negra nascida em família pobre, eu não parava de sonhar, em querer dar um salto para sair do lugar que a vida insistia em afirmar que não havia saída.

E com este propósito, todo ano eu prestava o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, mesmo estudando pouco, me preocupava com o momento da prova, uma semana antes, sempre "estudava" o que eu escutava de colegas sobre o que poderia cair na prova, mas seguia, na verdade, um pouco a minha intuição. Repetia ano a ano, desde 2015 quando estava no 2º ano do Ensino Médio, este foi o meu primeiro ENEM, a partir do primeiro ano, continuei de forma ininterrupta até ser aprovada no vestibular

em 2018 todos os anos após esse eu estava lá. Não me preocupava muito com o desdobramento, entrar em uma universidade, mesmo a, todos os anos eu comparecia para testar os meus conhecimentos por meio do ENEM.

Por essa insistência com o ENEM, em 2018, eu tive a oportunidade de fazer um curso superior a distância, mesmo sem ainda ter certeza de qual profissão eu queria, sim, porque eu já sabia que estudar me daria uma profissão.

Tentei várias experiências, a exemplo de: curso de matemática em função da ajuda do patrão da minha mãe, creio que comovido pela minha insistência em “ser alguém”. Logo descobri que matemática foi apenas uma disciplina da qual eu havia gostado muito, mas não seria uma coisa que eu queria estudar, estudar e estudar, desisti. Pensei... agora mesmo é que eu tinha que trabalhar, não deu certo estudar, eu precisava ao menos trabalhar para continuar com o objetivo de ser “alguém na vida”.

Esse alinhamento às minhas condições, demandas e interesses - fazer um curso superior, continuar trabalhando - não poderia ser diferente, uma vez que a minha permanência no curso ainda era uma incógnita e a continuidade do trabalho doméstico, apesar da jornada pesada, ainda era a única opção de garantia de permanência. Para além do contexto, mulher negra, pobre, historicamente essas condições e perfil não fizeram parte dos grupos eleitos para cursarem universidades, país afora. E, cursando a universidade à noite, eu continuaria perseguindo os sonhos e desejos de mudar de vida, de quebrar a tradição propositadamente imposta à mulheres pretas de viverem e morrerem nas cozinhas alheias.

Resultado, passei para Pedagogia, empolgada, fiz a minha matrícula e entrei para a universidade. Interessante, foram duas conquistas de uma vez, consegui morar sozinha e estou na universidade pública. E tenho conseguido estudar, trabalhar, não está sendo fácil conciliar o trabalho com os estudos e com a decisão de morar só.

Sem perceber inicialmente, a decisão de estudar soou como afronta para quem se agradava da minha presença e da força de trabalho exercidos e a todo instante sou convidada a desistir da universidade, insultada talvez. Tenho lucidez do lugar propositadamente reservado a mim, mas também aprendi as voltas que preciso dar para quebrar essa imposição histórica. Do ponto de vista de muitos estar na universidade, em busca de uma outra condição por meio da formação, é um direito que não pertence às mulheres negras, neste caso não pertence a mim e nem aos meus, soa como um produto de luxo:

Apesar da universidade pública brasileira ser um dos poucos redutos de exercícios do pensamento crítico em nosso país, se a observarmos a partir da perspectiva da justiça racial impressiona a indiferença e o desconhecimento do mundo acadêmico a respeito da exclusão racial com que, desde sua origem, convive.(CARVALHO, 2011, p. 19).

Essas questões me fizeram lembrar da performance realizada no componente curricular História e cultura afro-brasileira, na qual estudamos questões sobre a África e os negros no Brasil, entre os estudos realizados, *Pele Negra e Máscaras Brancas* - obra de Frantz Fanon serviu de base para a elaboração de uma performance coletiva que teve por base depoimentos de estudantes em diálogo com abordagens de Fanon que refletiam as demandas de discriminação e racismo abordados na sala de aula.

Entre os vários depoimentos - falados pelos atores da performance - trouxe um que julgamos sintetizar a experiência de muitas mulheres pretas que também vivenciam as mesmas situações que vivenciamos.

A performance foi um elo entre as ideias de Fanon, as reflexões dos estudantes e os relatos de alunos da Educação Básica, por onde a performance foi corpo e voz. Ter participado da performance fez-me compreender a dimensão do racismo, do preconceito e da discriminação sem perceber que o ambiente de trabalho em que eu vivia até nos poucos elogios me chegavam atravessados. Percebi também que as brincadeiras e o humor áspero sempre fizeram parte de narrativas que eu escutava diariamente e, não sabia identificá-los como se aquilo fosse manifestação de racismo.

Conhecer Fanon e outros autores que discutem o racismo, a discriminação e o preconceito de maneira bem lúcida, me permitiu entender melhor o lugar em que me encontro, a exemplo de Kabengele Munanga, Paulo Freire e José Jorge de Carvalho. E também compreender melhor a profissão doméstica, condições de trabalho, salário e jornada exorbitante.

Sou uma mulher negra, nordestina, vim de família preta pobre trabalhadora, minha mãe é doméstica e meu pai servente de pedreiro. Meu nome é Darkiane Silva dos Santos, tenho 24 anos, solteira. Por muito tempo não tive muitas escolhas em minha vida, ou era isso, ou era nada. Foi de minha escolha me tornar doméstica, trabalho digno, mas pouco reconhecido. Mas logo decidi ingressar na universidade (28/04/2023 - Universidade do Estado da Bahia).

O mundo novo, o qual foi imaginado pelos negros que foram trazidos de África e escravizados no Brasil, nunca foi alcançado, mas as lutas para atingi-lo são incessantes e extremamente dolorosas, a exemplo da luta primeira que foi a escravidão instituída.

Daí, a complexidade passou a fazer parte das nossas relações. Os medos, as incertezas, as violências de todas as ordens, cumpre os seus papéis com o maior rigor. O racismo, por mais que o estado insista em negar, ainda é a força que move os poderes.

## **O caminho para a universidade e os seus desvios: a árdua luta para não me perder**

Viver em uma sociedade com ares de superioridade sobre as desigualdades que ela mesma insiste em produzir não é nada fácil, ainda mais quando esta sociedade mantém as suas relações plasmadas nos pilares de uma Modernidade que é ainda atravessada por estruturas coloniais. Essas amarras estruturais têm a função de manter os trabalhadores nos seus lugares escolhidos pelas forças dominantes, o que impõe aos negros uma vida de luta permanente para garantirem as condições de sujeitos em suas próprias sociedades. Neste sentido, Milton Santos tece um comentário acerca de sua trajetória como um homem negro, no Brasil hoje, diz o autor:

[...] Aqui, o fato de que o trabalho do negro tenha sido, desde os inícios da história econômica, essencial à manutenção do bem-estar das classes dominantes deu-lhe um papel central na gestação e perpetuação de uma ética conservadora e desigualitária (2000, p. 1).

O que mantém o preconceito e a discriminação no seio das relações. Seja na estrutura da sociedade - suas instituições que sustentam a estrutura econômica, de trabalho, das culturas e das artes - ou nas comunidades históricas e periferias das relações sociais.

Neste sentido, a voz que se coloca neste relato é o de Claudia Araújo da Silva uma mulher negra, trabalhadora, nascida em família de pretos e trabalhadores que para fazer valer o direito à vida livre - educação, saúde, cultura, comida, moradia e lazer - sem as sombras da escravidão representadas pelo racismo cuidadosamente estruturado para impedir que atravessemos as barreiras impostas. Entre essas barreiras, estudar foi sempre uma atividade que soava um direito impossível de alcançar e muitas vezes alheio à minha realidade, dada a falta de tempo livre em função da jornada de trabalho, das condições e da cor da minha pele, ser uma mulher preta e pobre no Brasil é de uma experiência que ninguém mais que outra mulher com as mesmas características é capaz de sentir.



Fruto desse contexto, o estudar não foi a minha única atividade na infância e adolescência como acontece de costume na vida de muitas crianças e adolescentes que pertencem às classes mais abastardas. Brincar foi um verbo sem conjugação e, o trabalho, este sim, além de fragmentar as minhas possibilidades de estudo, substituiu de maneira inequívoca o meu tempo de lazer. Diante dessas questões, estudar foi sempre uma experiência que me exigiu criar estratégias as mais diferentes para que eu concluísse os níveis de ensino.

Neste malabarismo, em 2015 concluí o Ensino Médio por meio do programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA). Sem muito planejamento para estudar, surgiu um convite, um lembrete talvez, para que eu prestasse o vestibular da UNEB, confesso que não dei muita importância à provocação recebida, mesmo por não acreditar nas minhas competências para alcançar uma aprovação em um exame de vestibular considerado, por muitos como um processo difícil, mesmo assim me coloquei para adquirir experiência; não fui aprovada. Mas daquele momento em diante o interesse pela continuidade dos estudos foi se fortalecendo em mim.

Chego lentamente ao mundo, habituado a não aparecer de repente. Caminho rastejando. Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes na minha realidade. [...] (FANON, 2008, p.108).

Esse aprendizado de chegar sempre lentamente e quase rastejante é uma condição imposta, pela elite deste país, que insiste em impedir os negros e de maneira mais acirrada a mulher negra, de entrar pela porta da frente, de comer na mesa grande e no horário nobre, de se assentar em um restaurante sem que os olhares nos constranjam.

Com disposição para caminhar com rapidez, me inscrevi no curso técnico em enfermagem na escola *Centro Territorial Estadual de Educação Profissional do Extremo Sul (CETEPES)*, para o qual fui selecionada.

Ao longo do curso faltavam professores de várias disciplinas, entre os professores faltavam os preceptores - denominação utilizada para definir os professores de estágio, na organização do curso - os que tinham essa qualificação assumiam funções fundamentais, acompanhar os estudantes nos locais de estágios. Com a falta desses profissionais no curso muitas turmas atrasaram as suas conclusões. Com isso, os líderes de turmas procuraram a direção por várias vezes para relatar a falta de profissionais, o que acarretou no atraso da finalização do curso. Sem respostas sobre a contratação de

profissionais para assumir a cadeira de estágio, os alunos decidiram por conversar entre si, sobre o agravamento da situação e, dessa conversa surgiu o movimento dos estudantes em defesa da continuidade do curso e conseqüentemente da ocupação da escola.

Este detalhamento, talvez extenso, o faço para contextualizar a minha entrada no ensino superior, as dificuldades enfrentadas e a falta de cuidados para com os estudantes trabalhadores, que mesmo depois de uma jornada intensa de trabalho ainda é desrespeitado em um processo de educação privada e, por isso, pago por estudantes trabalhadores.

Em meio às discussões e demandas inerentes a esse tipo de reivindicação e metodologia de luta, fomos informados de que estava acontecendo um movimento de greve na Universidade do Estado da Bahia, para o qual fomos convidados a participar, aceitamos o convite e iniciamos as parcerias de lutas por um processo de educação mais democrático. Discutimos algumas questões de interesse de toda classe estudantil e socializamos as especificidades de nossa pauta, alguns pontos e buscamos apoios para a manutenção de nossas pautas, na ocupação.

Tudo muito novo para nós, falamos, escutamos as experiências e reivindicações dos estudantes da universidade públicas. Falamos da necessidade de estarmos juntos em lutas a favor da qualidade de ensino nas diferentes instituições.

A partir desse encontro com os estudantes em luta, da Universidade Pública do Estado da Bahia, o ensino superior passou a ser uma questão a ser perseguida, ou seja, a universidade começou a fazer parte da minha vida, me recordo aqueles longos dez dias de ocupação, foram traumáticos sim, apesar dos bons resultados.

Alguns dias depois de ter participado do movimento da ocupação, recebi a informação de que havia vagas abertas em um cursinho preparatório para o vestibular na Universidade do Estado da Bahia, denominado Universidade para Todos (UPT), fiz aproximadamente um semestre e prestei o vestibular. E para a minha surpresa fui aprovada para o Curso de Pedagogia, pela política de cotas, para o vestibular de 2020, para o turno matutino. Sabia das demandas que iria enfrentar para permanecer na universidade e fazer o curso, mas estava disposta.

Em meio a isso tudo fomos surpreendidos com a pandemia do COVID 19 e, com isso, as aulas foram suspensas, retomadas apenas no mês de novembro tendo apenas 45 dias de aula na modalidade de ensino remoto, logo depois a universidade entrou em

recesso. No início de 2021 por conta do ensino ainda continuar na modalidade remota não me adaptei, e desisti.

Em 2022 tive a oportunidade de voltar a estudar na Universidade do Estado da Bahia - Campus X, em Teixeira de Freitas, Bahia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos objetivos que propusemos investigar, foi possível considerar que a análise das dificuldades enfrentadas por negros e negras, especialmente mulheres, no acesso e na permanência no ensino superior, revela um cenário de desigualdade persistente que desafia a narrativa da meritocracia.

E ainda confirma o que a história insiste em registrar, que os povos negros, as mulheres negras em especial, são politicamente impedidas de acessarem os direitos descritos na Constituição de 1988, educação para todos. As barreiras que as impedem de terem acesso ao ensino superior são sutis e ocorrem de modo insistente sob as ordens da hegemonia política e econômica. Uma relação engendrada em complexidades, tendo o racismo como instrumento de sustentação das discriminações e preconceitos, para Munanga: “entre esses problemas têm-se as práticas racistas, a xenofobia e todos os tipos de intolerâncias, [...]” (2015, p. 21).

Os dados apresentados evidenciam que, apesar de esforços individuais e coletivos, as barreiras estruturais - econômica, política, cultural e sociais - continuam a limitar as oportunidades de ascensão educacional e profissional de pessoas negras no mercado de trabalho, nos bancos de escolas e universidades, em especial, as mulheres negras são as que mais sofrem essa seleção discriminatória. As experiências compartilhadas e analisadas por Darkiane Silva dos Santos e Cláudia Araújo da Silva refletiram e analisaram não apenas os desafios enfrentados nos caminhos entre as nossas profissões domésticas e à universidade, mas também a força e a determinação necessárias para superar os obstáculos, que infelizmente são inerentes às vidas negras.

Este estudo destaca a importância de políticas públicas efetivas e de apoio que promovam a inclusão e a permanência de estudantes de grupos historicamente marginalizados aos processos ditos civilizatórios. E o trabalho digno, moradia, educação em todos os níveis devem ser direitos materializados em políticas de reparação. Ao abordar essas questões, intentamos não apenas ampliar a compreensão sobre as

desigualdades que assolam as nossas vidas, mulheres negras e domésticas, mas também provocar sensibilidades acerca das discrepâncias existentes nos caminhos trilhados por mulheres com as nossas características e condições para chegarem à universidade. Com isso, acreditamos que as nossas leituras aqui expressas, possam servir de pontos de reflexão e de possíveis análises. Esperamos que o acesso ao conhecimento seja um direito garantido a todos, independentemente de cor ou condição social.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) *A Questão Política da Educação Popular*, 2 ed.. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 7 a 10.

Carvalho, José Jorge de. *Inclusão étnica E Racial No Brasil: A Questão Das Cotas No Ensino Superior*. 2. ed. Attar Editorial, 2006.

DOS SANTOS, Valdir Nunes. **A DANÇA BATE-BARRIGA EM HELVÉCIA (BAHIA/BRASIL) Uma performance afrobrasileira de coesão social**. Orientador: Prof. Doutor Luís Jorge Gonçalves. Programa Doutoral da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE BELAS-ARTES.

FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008. p. 103.

FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008. p. 108.

Freire, P. (1974), (1987) - **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GAULEJAC, Vicent de. *Histórias de Vida e escolhas teóricas*. In *Les Cahiers du Laboratoire de Changement Social* (vol. 1, pp. 32-45). Université de Paris 7, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p.20-31, dez. 2015. *Revista O Percevejo* - Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT - n° 8, 2000 p. 19-40.

SANTOS, Milton. *As exclusões da globalização: pobres e negros*. *Thoth*, Brasília, n. 4, p. 147-160, 1998. Disponível: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/obras-de-abdias/revista-thoth/>

SANTOS, M. *Ser negro no Brasil hoje: Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, domingo, 07 de maio de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0705200007.htm>

Saramago, José. *África* - <https://uranohistoria.blogspot.com/2009/08/os-mortos-sao-negros-e-as-armas-sao.html>